

OBRAS DE JORGE DE SENA

DO TEATRO EM PORTUGAL

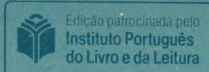


edições 70

«O teatro moderno está nas condições
das religiões antigas para iniciados,
ou na das primeiras igrejas cristãs.
Deve habituar-se a viver em pobreza
e do auxílio dos seus fiéis.»

(1967)

Lup de Lenc



Preço: 2.400\$00

edições 70

OBRAS DE JORGE DE SENA

TÍTULOS PUBLICADOS

- OS GRÃO-CAPITÃES
(contos)
ANTIGAS E NOVAS ANDANÇAS DO DEMÓNIO
(contos)
GÊNESIS
(contos)
O FÍSICO PRODIGIOSO
(novela)
SINAIS DE FOGO
(romance)
80 POEMAS DE EMILY DICKINSON:
(tradução e apresentação)
LÍRICAS PORTUGUESAS
(selecção, prefácio e notas)
TRINTA ANOS DE POESIA
(antologia poética)
DIALÉCTICAS TEÓRICAS DA LITERATURA
(ensaio)
DIALÉCTICAS APLICADAS DA LITERATURA
(ensaio)
SONETOS DE CAMÕES E O SONETO QUINHENTISTA PENINSULAR
(ensaio)
A ESTRUTURA DE «OS LUSÍADAS»
(ensaio)
TRINTA ANOS DE CAMÕES
(ensaio)
UMA CANÇÃO DE CAMÕES
(ensaio)
FERNANDO PESSOA & C.ª HETERÓNIMA
(ensaio)
ESTUDOS DE LITERATURA PORTUGUESA — I
(ensaio)
ESTUDOS SOBRE O VOCABULÁRIO DE «OS LUSÍADAS»
(ensaio)
O REINO DA ESTUPIDEZ — I
(ensaio)
O INDESEJADO (ANTÓNIO REI)
(ensaio)
INGLATERRA REVISITADA
(duas palestras e seis cartas de Londres)
SOBRE O ROMANCE
(ingleses, norte-americanos e outros)
ESTUDOS DE LITERATURA PORTUGUESA — II
(ensaio)
ESTUDOS DE LITERATURA PORTUGUESA — III
(ensaio)
POESIA — I
(poesia)
POESIA — II
(poesia)
DO TEATRO EM PORTUGAL
(ensaio)

DO TEATRO EM PORTUGAL

JORGE DE SENA

DO TEATRO EM PORTUGAL



ORGANIZAÇÃO, PREFÁCIO
E NOTAS BIBLIOGRÁFICAS
DE LUIZ FRANCISCO REBELLO

© Mécia de Sena e Edições 70, Lda., 1988

Capa de Edições 70

Todos os direitos reservados para a língua portuguesa
por Edições 70, Lda., Lisboa — PORTUGAL

EDIÇÕES 70, LDA. — Av. Elias Garcia, 81 — 1000 LISBOA
Telefs. 76 27 20 / 76 27 92 / 76 28 54

Telegramas: SETENTA

Telex: 64489 TEXTOS P

Esta obra está protegida pela Lei. Não pode ser reproduzida,
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.
Qualquer transgressão à Lei dos Direitos de Autor será passível
de procedimento judicial.

edições 70

Dizia Jorge de Sena num artigo sobre ensaísmo crítico, em 1961, que Luiz Francisco Rebello era «o mais bem informado e actualizado crítico de teatro em Portugal». Não o cegava a amizade, falava o seu rigoroso espírito de justiça e indicava-me, sem o poder saber, a pessoa a quem eu iria confiar a organização final destes textos, de os prefaciare e anotar.

A verdade é que Luiz Francisco Rebello deve ter sido uma das primeiras, se não a primeira pessoa, que me escreveu oferecendo-me colaboração e lembrando-me que era necessário publicar tudo quanto, neste caso em matéria de teatro, ficara disperso por jornais e revistas, nos dois lados do Atlântico.

O que sobre este livro e de como o ordenou houver a dizer, tê-lo-á dito Luiz Francisco Rebello, eu tenho apenas a acrescentar que a despeito de tanta justiça feita e tanto encorajamento oferecido, a actividade de alguns anos desta crítica deixou como resíduo a Jorge de Sena não poucas horas amargas e muita animosidade jamais esmorecida. E apenas porque algumas, poucas, vezes disse, sem disfarce, que o rei ia nu, o que, como é sabido, se não perdoa a ninguém, sobretudo se se trata de bonzos intocáveis, que então havia e mais do que nunca continua a haver. Poucas pessoas saberão já avaliar a coragem que era dizer muito do que ficou dito e da habilidade que era precisa para se ir dizendo o que era inefável.

Todos os textos se publicam na íntegra, assinalando algum corte que Jorge de Sena mesmo fez, ou corrigindo o que no texto publicado estava corrigido pela sua mão. Actualizou-se a ortografia, dentro dos limites que a Jorge de Sena foram expressamente aceitáveis, depois de tanta variação a que fomos sendo submetidos.

Do convívio do palco algumas amizades nos ficaram firmes: Costa Ferreira, Wallenstein, Augusto de Figueiredo e tantos outros, mas que me seja permitido salientar alguém que nos foi imensamente especial: Eunice Muñoz, a quem, no meu coração, dedico este livro.

O que foi dito por escrito aqui está — cabe ao público julgar. A Luiz Francisco Rebello a minha muita gratidão pela camaradagem e confiança com que me consultou sempre e me pediu sugestões ou aceitou as minhas, já que do profissionalismo com que o faria estava eu de antemão segura.

Santa Barbara, 22 de Maio de 1987

Mécia de Sena

1. É na lista das «obras a publicar» de Jorge de Sena incluída na edição do seu terceiro livro de poemas, *Pedra Filosofal*, saído em 1950, que pela primeira vez aparece uma referência a um volume de «ensaios coligidos» com o título *Do Teatro em Portugal*. Por essa altura (o cólofon final do livro tem a data de Novembro daquele ano), Sena havia encerrado a primeira fase da sua intervenção como crítico de teatro na *Seara Nova*, iniciada em Março de 1947, regularmente prosseguida até Junho do ano seguinte e, com intermitências, daí até Julho de 1950; no mesmo período, essa intervenção estendeu-se, por duas vezes, às páginas da revista portuense *PORTUCALE*, e quatro artigos sobre temas teatrais haviam sido igualmente publicados, um na *Seara* e três no suplemento literário de *O Primeiro de Janeiro*. Nos vinte e oito anos de vida que lhe restavam, sempre essa prometida colectânea de ensaios foi sendo anunciada nos diversos livros (e tantos foram, e em tantos domínios, da poesia à ficção, da dramaturgia ao ensaio e à investigação histórica) que ia dando à estampa, e por certo iria engrossando com a passagem do tempo, já que sobre teatro nunca deixou de escrever, embora mais esporadicamente após a sua definitiva saída do país, em 1959. Não quis o destino — pseudónimo sob o qual se oculta aqui a desorganização da vida editorial portuguesa — que o projectado volume, em que tanto empenho sei que ele punha, chegasse a imprimir-se antes de a morte, traiçoeira e prematuramente, o levar. Publicando-o agora, cumpre-se a vontade do seu autor, tão reiteradamente afirmada — e presta-se um alto serviço à cultura teatral do país.

2. Antes de prosseguir, torna-se necessária uma explicação: reúnem-se neste volume, com as poucas excepções que adiante serão in-

dicadas, todos os escritos de Jorge de Sena sobre teatro, e não apenas os que se ocupam «do teatro em Portugal». No espírito do seu autor, ao menos inicialmente, sob este título deveria agrupar-se o acervo de artigos críticos que escreveu e publicou acerca de espectáculos teatrais entre nós levados à cena a partir de 1947 (num total de 45, de que 24 respeitam ao período de 1947-50, 5 ao período de 1952-57 e 16 ao período de 1958-59, sendo o número de espectáculos recenseados em cada um destes períodos, respectivamente, de 27, 7 e 41, já que frequentemente mais de um se enfeixava no mesmo artigo). Pareceu-nos lógico, no entanto, a Mécia de Sena e a mim, a quem aquela quis honrar confiando a organização deste volume, acrescentar a esses artigos os comentários que lhe mereceram alguns livros de ou acerca de teatro também entre nós publicados, e outros escritos relacionados com personalidades ou factos do teatro português. E, uma vez que assim ficava já ultrapassado o primitivo âmbito do projecto, não hesitámos em aditar-lhes ainda outros textos alusivos à mesma temática, embora referidos não já a Portugal mas a espectáculos assistidos e a livros publicados no estrangeiro, ou em que eram abordados assuntos de interesse geral.

Pretendeu-se assim oferecer uma visão global, e tão completa quanto possível, do pensamento do autor de *Indesejado* em matéria de teatro, arte a que dedicou, como se sabe, e não apenas de um ponto de vista meramente teórico e especulativo, um interesse e uma atenção permanentes. Para que essa visão fosse global se acrescentaram aos textos acerca «do teatro em Portugal» os demais a que acima se fez referência; para que fosse o mais possível completa, também se não hesitou em reproduzir textos já reunidos noutros volumes do autor, como o caso dos quatro artigos relativos ao teatro de José Régio e Miguel Torga, que podem ler-se em *Régio, Casais, a «presença» e Outros Afins* (1947), dos ensaios sobre Gil Vicente e o «Judeu», incluídos em *Estudos da Literatura Portuguesa — I* (1981) e do artigo alusivo a peças de Beckett e Graham Greene, recolhido em *Sobre o Romance* (1986). Também por este último motivo se publicam alguns breves comentários desgarrados a acontecimentos do mundo teatral, nosso ou alheio, uma alocução proferida a anteceder um espectáculo levado à cena em 1949, uma entrevista concedida a um semanário de Lisboa em 1952 e outra a uma estação de rádio brasileira em 1960 e um texto inédito sobre «teatro popular», escrito entre 1963 e 1965, portanto durante o período do exílio brasileiro.

Mas ficaram de fora os dois importantíssimos posfácios ao teatro de que Jorge de Sena foi autor — a tragédia em verso *O Indesejado*

(1.^a ed., 1951) e as *6 Peças em Um Acto* (1974), e o monumental estudo sobre os avatares (dramatúrgicos e não só) do tema inesgotável dos amores de Pedro e Inês, cujas dimensões inviabilizavam a sua presença neste volume. E é claro que, para uma apreensão integral do universo dramático de Jorge de Sena, não só esses textos seriam de capital importância, como não menos importa conhecer a sua própria obra de dramaturgo (que, se é fundamentalmente constituída por aquela tragédia e aquelas seis breves peças, compreende ainda várias traduções de Molière — *Casado à Força*, transmitida pela Emissora Nacional em 1953 —, O'Neill — *Longa Jornada para a Noite*, representada pelo Teatro Experimental do Porto, numa encenação de António Pedro, em 1958, e *Desejo sob os Ulmeiros*, publicada em 1959 — e dos poemas de Brecht para as versões de *Mãe Coragem e Ascensão e Queda de Mahagonny*). Que só esporádica ou tardiamente essa obra haja logrado o acesso ao palco — como aconteceu ao *Indesejado*, quarenta anos depois de escrito —, é índice bastante da situação degradada (e degradante) do teatro português no período que os textos aqui compilados abrangem, e de que são um fiel reflexo. Também por este motivo a sua publicação conjunta se impunha.

3. Dividiu-se assim o volume em duas secções, a primeira dedicada ao «teatro em Portugal», a segunda relativa a teatro estrangeiro e a temas de carácter geral. Precede-as o notável ensaio «Da Necessidade do Teatro», escrito para um número especial da revista *O Tempo e o Modo* (1967), que consideramos como que uma «soma» do pensamento de Jorge de Sena sobre a arte dramática, como fenómeno estético e sócio-cultural, e daí a decisão de com ele se abrir a colectânea. Ao todo, mais de uma centena de textos, dos quais o mais antigo remonta a 1947 e o mais recente a 1970.

O vasto material reunido em cada uma dessas secções reparte-se em ambas por duas grandes zonas: uma compreende os artigos, de índole crítica ou simplesmente informativa, de motivação imediata (como sejam as recensões de espectáculos e livros), enquanto a segunda engloba os textos de carácter geral (reflexões sobre a situação do teatro «quanto possível» em Portugal, ou determinados seus aspectos particulares, como por exemplo o teatro universitário; dissertações teóricas sobre problemas de estética ou sociologia teatral). Mas advirta-se que esta separação é, como todas, convencional, pois nos artigos de crítica imediata deparam-se com frequência considerações genéricas sobre a *praxis* teatral portuguesa e uma abundante, ainda que eventual, doutrinação estética (sobre teatro histórico, teatro em verso, tea-

tro de romancistas, teatro infantil, categorias dramáticas, etc.) ou, a propósito da peça criticada, análises do conjunto da obra do seu autor ou dos seus temas dominantes (exemplos: Cocteau, Régio, Benavente, Racine, no primeiro caso; a máscara no teatro de Pirandello para o segundo), do mesmo modo que em não poucos textos teóricos se introduzem referências, quanto mais não seja a título de ilustração, a factos concretos, pontuais, daquela mesma *praxis*. Sempre de cada um dos lados de uma zona fronteira se mistura à linguagem que aí se fala um pouco da linguagem falada no outro... Aliás, neste caso, a linguagem é só uma, e a mesma, de ambos os lados — a de um homem profundamente informado e interessado na problemática do teatro, encarando-o como é (mas, por múltiplas razões, entre nós não era) e como deveria ser, consciente da sua necessidade e do seu papel fundamental «na formação de uma consciência crítica do povo e na educação estética das massas», ou não fosse ele «a mais alta expressão da sociabilidade de um povo».

Junte-se a isto a exacta noção de que «no palco, na voz e no gesto dos actores é que o teatro se vê», pois «as peças de teatro não se fizeram para ser lidas, e nenhuma tradição ou nenhuma experiência teatral vive da gaveta» como reiteradamente proclamou ao longo do seu *munitus* crítico, e ter-se-ão as duas coordenadas principais do seu pensamento dramático, qual se exprime nos vários textos ora reunidos e, até, como já atrás se deixou dito, na sua própria produção teatral, que só por razões independentes da sua vontade não conheceu o destino para que ele a talhara (ser vista «no palco, na voz e no gesto dos actores», porque «a personificação teatral postula, para exercer-se, a encarnação e a cena concreta») — injustiça de que nunca se consolou, e de diversas maneiras o disse.

O teatro é, na sua essência, a mais efémera de todas as formas de arte, pois que se extingue no próprio momento em que se realiza. Tudo, no teatro, tende para a consecução do espectáculo, e nenhum espectáculo se repete nunca, porquanto ainda que o texto, os actores e a encenação possam ser os mesmos, não o é o público, e este é também uma das componentes do espectáculo. E o próprio texto, com ser o elemento mais estável do teatro, varia em função das diversas leituras cénicas que dele vão sendo propostas por actores e encenadores de sucessivas gerações ao público delas contemporâneo. É claro, e Jorge de Sena não se esquece de o sublinhar, que «se o teatro é, antes de mais, para ser representado — e nunca um dramaturgo escreveu para ser só lido, e apenas os literatos usam às vezes da forma teatral como de qualquer outra [...] —, a verdade é que deve poder ser lido». Na lógica

sequência destas considerações, a sua acção crítica exerceu-se tanto sobre espectáculos como sobre livros de teatro, mas com predomínio para aqueles, e o testemunho que nos deixou acerca da *praxis* teatral do período sobre que incidiu é o de um espectador (e de um leitor) esclarecido e exigente, o que permite fixar aquilo que o teatro tem de mais transitório e é, ao fim e ao cabo, como já dissemos, a sua verdadeira essência.

Dá a importância de que se reveste, para a história do teatro (quando, evidentemente, esta se não satisfaça com ser apenas uma história da literatura dramática), a recolha em volume da produção crítica que vai acompanhando a produção cénica, desde que, obviamente também, isenta e «desligada de quaisquer redes de interesses» e tão distante do «elogio irresponsável» como do «desdém não menos irresponsável», que eram, com raras excepções, moeda corrente nas resenhas dos jornais diários e com toda a razão Jorge de Sena estigmatizou num curto texto que, em jeito de aviso, publicou em 1958 na *Gazeta Musical e de Todas as Artes*. Assim é que, por exemplo, a leitura das críticas que o temível (e temido) Joaquim Madureira enfeixou nas suas *Impressões de Teatro* dá-nos uma visão da temporada teatral lisboeta de 1903-04 qual a simples leitura das peças nela apresentadas nunca poderia proporcionar-nos; e o mesmo se diga das críticas de Eduardo Scarlatti (*Em Casa de «O Diabo»*) quanto aos anos 34-37, de Fernando Lopes-Graça e Luis Forjaz Trigueiros em relação aos anos 39-43 ou, mais perto de nós, de Urbano Tavares Rodrigues, Redondo Júnior e Carlos Porto para os anos 50-60.

Crítico teatral «bissexta», como de si próprio dizia, Sena foi-o sem a continuidade e a regularidade que dedicou a outras zonas da criação literária — no que pode ver-se, também, um reflexo da irregularidade e descontinuidade características da vida teatral portuguesa. O seu labor abrange dois períodos bem determinados, um primeiro que vai de Março de 1947 a Maio de 1952, o segundo de Março de 1958 a Junho de 1959, tendo a *Seara Nova* (e episodicamente a *PORTUGALE*) e a *Gazeta Musical e de Todas as Artes* sido, respectivamente, os lugares onde esse labor se exerceu. No intervalo que separa esses dois períodos, à parte alguns artigos sobre a situação teatral portuguesa, dois apontamentos críticos isolados apareceram, um no *Diário de Notícias* em 1955, o outro em 1957 na *Vértice*. Foi, aliás, a crítica da *Seara* à peça de Ramada Curto *A Voz da Cidade*, em Maio de 1952, de uma feroz causticidade (que, de resto, a peça merecia), que determinou a interrupção durante seis anos da sua actividade crítica: a «rede de interesses» com que Sena se recusou sempre a pactuar, fossem eles de que

natureza fossem, funcionou aqui no sentido de afastar o crítico que tão duramente havia fustigado um correligionário, a quem a revista pediria publicamente desculpas no número imediato...

Qualquer daqueles períodos, mas sobretudo o primeiro, corresponde a fases significativas da evolução do nosso teatro após o fim da guerra. O surto do teatro experimental e universitário que irrompeu de 1946 em diante (mas não se esqueça que as raízes deste último remontam a alguns anos atrás, quando Paulo Quintela fundou em Coimbra o TEUC) trouxe ao nosso teatro aquela renovação que «há muito andava no ar, pronta a efectivar-se», anunciada por Sena na sua crítica — a primeira que escreveu — ao segundo espectáculo do Estúdio do Salitre, um dos mais polémicos de toda a sua quinquenal existência e o que talvez melhor se coadunou aos objectivos iniciais do movimento, depois desviado para um conformismo nivelador de espectáculos que só na aparência eram de vanguarda e outros declaradamente passadistas, todos eles de garantida aceitação snobística, ainda que por diversos estratos de público. Comentando alguns desses espectáculos, Sena advertiu para os perigos que dessa inflexão não podiam deixar de advir; nem por isso é menos certo que o Salitre e outras iniciativas paralelas, como o Pátio das Comédias (cujos segundo e terceiro espectáculos ele também criticou e apresentou, respectivamente, e para o qual escreveu a sua *Ulissea Adúltera*), se contam entre aquelas «várias tentativas das quais menos proveio uma organização continuada, um baluarte, do que gente nova e um espírito novo» empenhados em «revitalizar a cretinice, nem sequer académica, em que o Teatro Português vegetava melancolicamente», como ele próprio diria, anos mais tarde, a propósito do Teatro Experimental do Porto, justamente saudado como «realidade insofismável do renascimento do Teatro português que por diversas formas nos últimos dez anos se vinha operando».

Tirante alguns espectáculos levados à cena no Teatro Nacional, entre os quais a *Benilde*, de Régio, que lhe valeu uma das mais notáveis páginas de crítica teatral em Portugal jamais escritas (embora me pareça excessivo dizer-se que essa representação «poderia ter sido enfim a chegada triunfal do teatro de vanguarda aos grandes palcos lisboetas», conforme se lê no estudo, aliás magnífico, que em 1970 escreveu sobre o teatro de Régio, cujo «vanguardismo» se me afigura, no mínimo, duvidoso), ou montados pelos Comediantes de Lisboa, a parte mais significativa dos artigos que constituem a série publicada na *Seara* incide sobre espectáculos marginais à cena profissionalizada: cinco do Estúdio do Salitre, um do Pátio das Comédias, outro de um agrupamento universitário. Para isso terá contribuído o facto de Jorge de Se-

na partilhar com João Pedro de Andrade a tribuna crítica da revista, cabendo preferentemente a este último recensear os espectáculos profissionais. Mas, reservando-se Sena o direito de «só ver e criticar aquilo que lhe pareça merecer consideração», poderá ver-se já naquela partilha uma opção, e nesta uma forma de o crítico participar no movimento renovador em curso. Ele mesmo o disse no citado texto sobre o Teatro Experimental do Porto, ao aludir a uma revitalização que era obra de «todos quantos, no palco, na criação dramática ou na crítica, trabalharam quão ingloriamente, quão desorientadamente às vezes» (o sublinhado é meu). Dele próprio, portanto, em parte também.

Dir-se-á que sobrevalorizo o papel da crítica na evolução da *praxis* teatral, que dela seria, segundo alguns, pouco menos do que independente. E no entanto, para bem ou para mal, a crítica é responsável pelo estado do teatro sobre cujo corpo incide. Foi o dramaturgo inglês J. B. Priestley quem uma vez escreveu que «onde a crítica teatral for complacente, o teatro tornar-se-á medíocre e conformista»; e já em 1870, e em Portugal, se publicava um opúsculo sobre a situação do teatro entre nós, cujo autor, um obscuro Carl Busch, punha a crítica à cabeça dos males que o afligiam. É claro que para o teatro comercial a bilheteira há-de contar sempre mais do que a crítica, embora esta possa influenciar aquela... Mas quando se tem do teatro uma noção mais elevada, e dele se exige mais do que ser um simples entretenimento dos sentidos, ou, mesmo sendo só isso, que o seja com um mínimo de dignidade, a crítica não pode ser irrelevante, e de facto o não é. Jorge de Sena tinha plena consciência disto, e daí a ferocidade e a acerada ironia de muitas das suas críticas — ironia e ferocidade que não eram senão a capa de um grande amor pelo teatro, de uma grande mágoa por vê-lo degradado, de um grande desejo de vê-lo nobilitado e contribuir para essa nobilitação. O que é sobretudo evidente nos textos escritos para a *Seara Nova* entre 1947 e 49, ou no artigo de 1957 «sobre teatro quanto possível em Portugal».

Já os artigos de 1958-59 surgem num outro contexto: ultrapassada a fase experimental, os seus frutos começavam então a colher-se nos palcos profissionais, a que entretanto acedeu a geração de autores, actores e encenadores formados no Salitre, no Pátio das Comédias, no Experimental do Porto, nos grupos universitários. Por certo, as limitações impostas a todos eles pela dureza do regime — desde o seu primeiro artigo de crítica Sena pôs o princípio de que «sem liberdade não há nada, e teatro também não» —, se conjugavam com outros factores que radicavam em causas mais profundas: a falta de uma tradição e uma cultura teatrais, a submissão às baixas exigências de uma prática

puramente mercantil, a decadência burguesa do gosto, a moleza da crítica, para reduzir a arte dramática «àquilo a que, entre nós, não temos outro remédio senão chamar teatro»... É a teia intrincada de todos estes elementos, positivos e negativos, que explica a coexistência, na mesma temporada da mesma companhia, de Júlio Dantas e Samuel Beckett — e «viva a dialéctica», como a outro propósito Sena disse, se não houvesse, aqui também, «conciliação em lugar de síntese».

Mas, além de espectáculos, a intervenção crítica de Jorge de Sena exerceu-se também sobre livros, e natural é que assim fosse, já que boa parte (tanto a nível quantitativo como qualitativo) do teatro que nesse período se escreveu se viu constrangida a limitar-se à letra de fôrma, vedado que lhe estava por uma censura tão estúpida como sistemática o acesso ao palco. E são particularmente lúcidas as considerações que lhe mereceram as primeiras peças de Santareno como as tentativas dramático-literárias de Agustina Bessa Luis, Domingos Monteiro ou Mário Sacramento e outros mais. Pena é que não tivesse alargado a mais obras a sua intervenção crítica neste sector.

4. Resta falar dos textos teóricos ou doutrinários, embora eles falem por si. Sendo, sem dúvida, importantes, até pela sua pertinente impertinência, os que se referem à nossa *praxis* teatral, ao teatro universitário, ao teatro de vanguarda ou ao teatro popular, como aos problemas (já abordados no posfácio à 1.^a edição do *Indesejado*) do teatro histórico e em verso e à dicção deste, a peça fundamental deste conjunto é, evidentemente, o longo ensaio que escreveu para o número especial que *O Tempo e o Modo* consagrou ao teatro em 1967. O ensaio começa por uma interrogação — «É o teatro necessário?» — para, através de uma longa (e fascinante) deambulação pelos domínios mais diversos, da história à sociologia, da estética à economia, num entrançado subtil que atravessa «as zonas sombrias do divino, do sexo, da personificação, da identidade colectiva», concluir que «haverá teatro, sempre haverá teatro»; e se assim é, é porque é necessário que haja — embora «quando e como, esse é que é o problema». Problema que, não sendo especificamente português, assume entre nós, por razões de circunstancialismo local, uma agudeza e uma complexidade de que, apesar de reportados a um tempo revoluto (não inteiramente, aliás... e *hé-lás!*), esse texto e as crónicas que se lhe seguem dão o mais eloquente testemunho.

Leia-se, releia-se esse ensaio, dos mais penetrantes que em Portugal sobre o teatro jamais se escreveram: à sua luz não só se ilumina tudo o que nas demais páginas deste volume se reuniu, como a pró-

pria situação do teatro português, aqui e agora (um *hic et nunc* que, vinte anos decorridos, se não desactualizou, nem, à parte a extinção oficial da censura idem, tão cedo virá a desactualizar-se). À superfície, dir-se-á talvez que se trata de um virtuosístico exercício de dialéctica, em que paradoxos e lugares-comuns tão brilhantes uns quanto os outros, alternam e se confundem com juízos polémicos, densos raciocínios, fulgurantes intuições. Mas o que subjaz a todo esse discurso que nos surpreende e desconcerta aqui para nos irritar ali e empolgar mais adiante, é um imenso, inesgotável, apaixonado, lúcido e desvairado ao mesmo tempo, amor pelo teatro, que Jorge de Sena tão bem serviu — e que tão mal lhe retribuiu.

LUIZ FRANCISCO REBELLO

Agosto-Outubro de 1987.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

Da Necessidade do Teatro

Este artigo abria o número especial (quádruplo, correspondente aos n.º 50 a 53, de Junho a Outubro de 1967) que a revista *O Tempo e o Modo* dedicou ao Teatro, ou, como na respectiva nota de abertura se frisava, «mais precisamente ao Teatro em Portugal». Dividia-se esse número, cuja releitura ainda hoje, vinte anos volvidos, mantém uma inquietante actualidade, salvo no que se refere à instituição da censura prévia, em quatro partes: na primeira, além do texto de Jorge de Sena, incluíam-se artigos de José Domingos Morais («Ausências e Permanências do Teatro Português»), Luiz Francisco Rebello («Presença — e Ausência — da Moderna Dramaturgia no Teatro Português Contemporâneo») e Augusto Sobral («A Criação Teatral Portuguesa e a Representação Teatral Portuguesa»); na segunda, enfeixavam-se as respostas de Eunice Muñoz, Bernardo Santareno, Vasco Morgado, Manuela de Azevedo, José Palla e Carmo, Gérard Castelo Lopes, Luzia Maria Martins, Glória de Matos, Fundação Gulbenkian e do próprio «Tempo e o Modo» a um inquérito sobre a circunstância teatral portuguesa; na terceira, António Osório, Artur Portela e Filipe de Sousa analisavam modalidades específicas de teatro (a revista, o teatro televisionado e o teatro lírico, respectivamente); na quarta, finalmente, recolhiam-se textos sobre teatro de autores nacionais (Santareno, Portela) e estrangeiros (Lorca, Brecht, Artaud, Ionesco, Kenneth King) e um monólogo de José Sasportes.

CRÍTICA A ESPECTÁCULOS

2.º espectáculo «essencialista»

Teatro-Estúdio do Salitre

Seara Nova, Ano XXVI, n.º 1022, de 1/3/1947

O 1.º espectáculo do Estúdio do Salitre havia sido em 30 de Abril de 1946, e era constituído por quatro peças em um acto, a saber: *O Homem da Flor na Boca*, de Pirandello, *O Beijo do Infante*, de D. João da Câmara, *Maria Emília*, estreia de Alves Redol como dramaturgo, e *Viúvos*, de Vasco Mendonça Alves; na composição do programa desenhava-se já aquele eclectismo que levaria Jorge de Sena a dizer, a propósito do 5.º espectáculo, que «há, nele, contradição em lugar de síntese». O 2.º espectáculo, levado à cena pela primeira vez em 16 de janeiro de 1947, repetiu-se em 15 de Março seguinte, tendo essa repetição suscitado a Jorge de Sena a nota publicada no *Mundo Literário* de 5 de Abril, também reproduzida neste volume.

A referência às «dissidências familiares» do Teatro Nacional reporta-se à companhia dos Comediantes de Lisboa, que António Lopes Ribeiro e Francisco Ribeiro organizaram em 1944 com elementos transfugas da Casa de Garrett (Lucília Simões, Maria Lalande, Villaret, Igrejas Caeiro e outros) e que até 1950 actuou, sucessivamente, nos Teatros da Trindade (1944-47), Avenida (1947-48), Apolo (1949-50) e Sá da Bandeira (1950).

«Ana Cristina», de Eugene O'Neill

Teatro Avenida

Seara Nova, Ano XXVI, n.º 1023, de 8/3/1947

A versão cinematográfica citada nesta crítica foi realizada por Clarence Brown em 1930, e teve como protagonista Greta Garbo. *Mourning Becomes Electra*, a trilogia de O'Neill sobre o mito dos Átridas, também neste artigo referida, subiu à cena no Teatro Nacional em 1943 com o título *Electra e os Fantasmas*. A peça de Cortes-Rodrigues, *Quando o Mar Galgou a Terra*, igualmente citada, estreou-se em Fall River, no ano de 1938, e foi adaptada ao cinema em 1954 por Henrique Campos, com a actriz Mariana Vilar no papel criado por Ilda Stichini. A carreira teatral do actor Barreto Poeira limitou-se a esta temporada no Teatro Avenida, no decurso da qual ainda interpretou a comédia de Noel Coward *Vidas Privadas*, adiante criticada por Jorge de Sena.

3.º espectáculo «essencialista» — «Filipe II», de Alfieri

Teatro-Estúdio do Salitre

Seara Nova, Ano XXVI, n.º 1024, de 15/3/1947

A tragédia de Alfieri, escrita entre 1775 e 81, foi, mais tarde, reposta pelos Companheiros do Pátio das Comédias, numa encenação de António Pedro (Teatro Apolo, 1949).

«Alcipe», de Tereza Leitão de Barros

Teatro Nacional

Seara Nova, Ano XXVI, n.º 1025, de 22/3/1947

Foi esta, além de uns inéditos *Homens de Boa Vontade*, que por certo nada teriam que ver com os homólogos do ciclo romanesco de Jules Romains, a única produção dramática original de Tereza Leitão de Barros (1898-1983), que em 1925 traduziu, para o Teatro Novo de António Ferro, *Uma Verdade para Cada Um*, de Pirandello, acerca da qual se recolhem neste volume duas críticas de Jorge de Sena.

2.º espectáculo «essencialista» (repetição)

Teatro-Estúdio do Salitre

Mundo Literário, n.º 48, de 5/4/1947

Veja-se a nota alusiva à crítica da primeira apresentação deste espectáculo.

«O Cadáver Vivo», de Tolstoi

Teatro da Trindade

Seara Nova, Ano XXVI, n.º 1029, de 19/4/1947

A «conferência de triste memória do jornalista filósofo Ortega y Gasset» havia sido proferida em 13 de Abril de 1946, a abrir o ciclo «A Evolução e o Espírito do Teatro em Portugal», organizado pelo jornal *O Século*, e foi publicada sob o título «Ideia de Teatro — Uma Abreviatura».

«Vidas Privadas», de Noel Coward

Teatro Avenida

Seara Nova, Ano XXVI, n.º 1030, de 26/4/1947

Esta comédia de Noel Coward (1899-1973), em nova versão devida a Miguel Esteves Cardoso, voltou à cena em 1985, no Teatro Maria Matos, in-

terpretada por Graça Lobo e Filipe Ferrer nos papéis criados, na estreia londrina de 1930, pelo próprio autor e Gertrude Lawrence e em Portugal por Madalena Sotto e Barreto Poeira. Outras peças de Coward representadas entre nós foram *Uma Mulher do Outro Mundo* («Blithe Spirit») em 1949 no Teatro Avenida, *Fim de Semana* («Hay Fever») em 1952 no Teatro da Trindade, e *Seis Aparições de Lenine sobre um Piano* («Design for Living») em 1981 na Casa da Comédia.

«A Casa», de José María Péman

Teatro Nacional

Seara Nova, Ano XXVI, n.º 1044, de 2/8/1947

Única peça representada em Portugal deste poeta e dramaturgo espanhol, que foi um dos mais destacados escritores «oficiais» do regime franquista.

5.º espectáculo «essencialista»

Teatro-Estúdio do Salitre

Seara Nova, Ano XXVI, n.º 1046, de 16/8/47

Apresentado em três dias sucessivos — 17, 18 e 19 de Julho de 1947 —, com a participação de João Villaret no monodrama de Tchekov, o espectáculo compreendia uma reposição de *O Homem da Flor na Boca* com que, um ano antes, o Estúdio do Salitre havia iniciado as suas actividades. António Vitorino, contista hoje injustamente esquecido (*Gente de Vieira, A Vida Começa Assim*), que retomou o papel do «pacífico freguês», criado por Eurico Lisboa na estreia, havia sido discípulo de Araújo Pereira e o primeiro intérprete, em 1931, do monólogo de Raul Brandão *O Rei Imaginário*.

Pedro Bom e Carlos Montanha eram, de facto, os pseudónimos dos irmãos José Manuel e Luís da Fonseca, e deles, mas separadamente, o Salitre pôs em cena *A Menina e a Maçã*, do primeiro, e *A Fábula do Ovo e Para lá da Máscara*, do segundo. Esta constituiria o último espectáculo do Estúdio do Salitre, em 26 de Julho de 1950; aquelas duas, ambas incluídas no programa do 7.º espectáculo, foram criticadas por Jorge de Sena na *Seara Nova* em 26 de Junho de 1948.

«Rapazes de Hoje», de Roger Ferdinand

Teatro Nacional

Seara Nova, Ano XXVI, n.º 1048, de 30/8/1947

Esta comédia de Roger Ferdinand (1898-1967), presidente da Sociedade Francesa de Autores Dramáticos, director do Conservatório de Teatro e anti-

go autor de vanguarda revelado por Dullin e Lugné-Poë, cujo título original é *Les J-3*, estreada em Paris, no Théâtre des Bouffes-Parisiens sob a ocupação, em 30 de Setembro de 1943, conheceu então, por manifesto equívoco, um êxito fabuloso, mantendo-se em cena durante duas temporadas consecutivas: como notou Alfred Simon, «não era ela a sátira lúcida de uma juventude desmoralizada pelo mercado negro, que nela alguns quiseram ver, mas uma comédia de grosseiros cordelinhos em que tudo está calculado para provocar o riso pelos efeitos mais fáceis e as mais pesadas alusões aos tiques da época».

A *Locandiera*, de Goldoni, neste artigo referida, havia-se estreado no Teatro Nacional em 1 de Abril anterior, com o título de *A Hospedeira*. A alusão constante do último parágrafo refere-se à peça de Júlio Dantas *Frei António das Chagas*, que nesse ano também se representou no Teatro Nacional.

Sobre «Benilde ou a Virgem-Mãe», de José Régio

Teatro Nacional

Este artigo crítico, publicado na *Seara Nova*, Ano XXVII, n.º 1063, de 13/12/1947, está recolhido no volume *Régio, Casais, a «presença» e outros afins*, editado pela Brasília em 1977 (pp. 105 a 117), com o título de *Sobre «Benilde ou a Virgem-Mãe»*. Sobre o teatro de Régio, Jorge de Sena escreveu um notável ensaio «in memoriam», publicado no suplemento literário do *Estado de São Paulo* em 27 de Dezembro de 1970, recolhido naquele volume de 1977 e neste também incluído; antes, havia criticado, quando saíram em 1958, as *Três Peças em Um Acto*, em artigo que figura igualmente neste volume.

No Ano XXXIII, n.º 1285-86, da *Seara Nova* (Janeiro-Fevereiro de 1954), publicou-se um excerto da *Salvação do Mundo*, de José Régio, precedido de uma nota sobre o teatro deste, assinada pelas iniciais S. D. (que supomos corresponderem a Sant'Ana Dionísio), a qual motivou a seguinte carta de Jorge de Sena saída no número seguinte:

«Na 1.ª página do n.º 1285-6 da folha que V. Ex.ª edita, acabo de ler, acerca do teatro de José Régio, que «ainda não se tentou dizer entre nós»... «qual o sentido do teatro deste estranho Poeta».

Se estivesse escrito «não se disse», não faria o mínimo reparo. Mas diz-se que «não se tentou». E tentou: precisamente na *Seara Nova*, na crítica, que escrevi, da representação da *Benilde ou a Virgem-Mãe*.

Sai a revista, que V. Ex.ª edita, tão acidentalmente, que são perfeitamente desculpáveis estes lapsos de memória ou de índice.

Creia-me V. Ex.ª, meu querido Amigo, desde já muito grato pela publicação destas linhas (o público, que não tem memória, tem, no entanto, o direito de ser esclarecido.)

Seu camarada e admirador, J. de S.»

.....
É a seguinte a nota que acompanha a publicação desta crítica na obra acima citada:

«*Benilde ou a Virgem-Mãe*» — Crítica à estreia desta peça no Teatro Nacional, ao Rossio, em 1947, e publicada na *Seara Nova*, n.º 1063, de 13 de Dez. desse ano, e no qual então, colaborador que fui dela muito tempo, fazia crítica teatral (repartindo os deveres com João Pedro de Andrade, o qual me deixava aquilo de que não queria ou não podia escrever, ou aquilo que eu, ao fim de muita luta, conseguia). Convém recordar aqui, nesta nota, em que circunstâncias se publicava esta crítica e ela passara pelo crivo «censório» que era o inferno com que Salazar & C.ª grelhavam regularmente a *Seara Nova* (e é de notar, dentro de uma nota a uma nota, que, nesse tempo, muito «seareiro» via com péssimos olhos a minha presença e de outros, como Casais Monteiro, na revista, considerados «vermelhos» de mais, enquanto, comicamente, éramos alguns de nós tão suspeitos a outros que passavam por ser ou eram realmente, como se dizia, «ferros em brasa»).

Quando se soube de que, apesar de todos os esforços dos inimigos do modernismo e de José Régio, aliados (em vários casos havia perfeita coincidência nas pessoas) a numerosos fascistas notórios e agitadores profissionais dos anos 40, a peça *passara* a «comissão de leitura» do Teatro Nacional, e fora autorizada pela Inspeção Geral de Espectáculos, soube-se também que, em desespero de causa, se preparava uma manifestação destinada a transformar a peça em desordem, para fazer cair a peça, ou criar as condições necessárias à sua proibição. Assim, o ambiente da estreia era tensíssimo, e as provocações, com gritos e tentativas de interrupção da representação, várias, a que a maioria esmagadora do público, já prevenida e predisposta, respondia com gritos de «não respondam à provocação». E a peça foi por diante e triunfou. Do ponto de vista político, há que ter presente, em relação a Régio, o seguinte: ele havia sido, em 1945, creio que em Portalegre, um dos mais ilustres signatários das famosas listas reclamando eleições, o primeiro grande abalo que aterrou Salazar. E não vem para aqui mencionar o papel que ele desempenhou regionalmente em várias campanhas eleitorais ulteriores (embora recordá-lo aos jovens de hoje não seja má medicina). [Jorge de Sena]

Centenário de Cervantes — «Retábulo de maravilhas»

Teatro Avenida

Seara Nova, Ano XXVII, n.º 1065, de 27/12/1947 a 10/1/1948

O encenador alemão Erwin Meyenbourg viera a Portugal em 1944 para montar *A Ascensão de Joana*, de Hauptmann, no mesmo Teatro, onde

igualmente dirigiu *A Hospedeira*, de Goldoni, recordada nesta crítica, e, anos mais tarde, *Intriga e Amor*, de Schiller, em espectáculo recenseado por Jorge de Sena na *Gazeta Musical* de Junho de 1959, e *A Pelica de Castor*, também de Hauptmann, em 1963.

«Rebecca», de Daphne Du Maurier

Teatro Nacional

Seara Nova, Ano XXVI, n.º 1065, de 27/12/1947 a 10/1/1948

A popularidade da peça da romancista inglesa Daphne Du Maurier, estreada no londrino Queen's Theatre em 1940, ficou a dever-se à adaptação cinematográfica de Alfred Hitchcock, que é desse mesmo ano e foi o primeiro trabalho do grande realizador nos estúdios norte-americanos.

Miss Ba, peça do dramaturgo inglês Rudolf Besier (no original, *The Barretts of Wimpole Street*, 1930), que conta a história dos amores dos poetas Elisabeth Barrett e Robert Browning introduzindo-lhe habilmente uns laivos freudianos, havia constituído, em 1944, o primeiro grande êxito de público dos Comediantes de Lisboa, traduzido em cem representações consecutivas na abertura da sua segunda temporada.

Cocteau no Teatro Nacional — «A Águia de Duas Cabeças»

PORTUGAL, 1.ª série, n.º 13-14, Janeiro/Abril de 1948

O bailado *Le Jeune Homme et la Mort* foi apresentado no Teatro de S. Carlos, nos começos de 1947, pelos «Ballets des Champs-Élysées», que dirigia Roland Petit; do elenco faziam parte alguns jovens bailarinos que não tardariam a atingir o estrelato, como Jean Babilée (o «Jeune Homme» do bailado de Cocteau), Irene Skorik, Nina Vyubova, ou, numa bifurcação para o «music-hall», Zizi Jeanmaire.

A Águia de Duas Cabeças, estreada em Paris em 1946, foi, até agora, a única das peças de Cocteau a representar-se entre nós.

«O Morgado de Fafe», de Camilo

e «A Ceia dos Cardeais», de Júlio Dantas

Teatro Avenida

«O Comissário de Polícia», de Gervásio Lobato

Teatro Nacional

Seara Nova, Ano XXVII, n.º 1074, de 28/2/1948

6.º espectáculo «essencialista»

Teatro-Estúdio do Salitre

Seara Nova, Ano XXVII, n.º 1074, de 28/2/1948

O programa impresso deste espectáculo abria com um notável texto de Almada Negreiros, «O Pintor no Teatro», dedicado «à memória do muito querido companheiro Federico García Lorca, por excelência, a vocação de Teatro em nossos dias».

A previsão de Sena quanto ao dramaturgo italiano Roberto Zerboni não viria a confirmar-se: além das três peças em um acto que reuniu sob o título *Primavera de 44* (uma das quais é este *António* aqui criticado), e de *Beco sem Sol*, de 1942, a sua obra dramática, em que se destaca uma versão cénica da *Metamorfose*, de Kafka, limitou-se a algumas peças num acto, na sua maioria inéditas. Estranhamente, o seu nome nem sequer figura entre as centenas que vêm citadas no volume *Autori e Drammaturgie*, «primeira antologia do teatro italiano do após-guerra», publicado em 1988.

«Paulina Vestida de Azul»

Teatro Nacional

Seara Nova, Ano XXVII, n.º 1083, de 1/5/1948

Espectáculo do Gupo Universitário de Teatro Cultural

Seara Nova, Ano XXVII, n.º 1088, de 5/6/1948

7.º espectáculo «essencialista»

Teatro-Estúdio do Salitre

Seara Nova, Ano XXVII, n.º 1091, de 26/6/1948

As «tentativas polémicas» a que neste artigo se alude são o prólogo de Costa Ferreira *Nocturno*, apresentado no 1.º espectáculo do Pátio das Comédias (1948) e a minha fábula *O Mundo Começou às 5 e 47*, incluída no 2.º espectáculo do Estúdio do Salitre (1947), cuja crítica por Jorge de Sena se contém neste volume.

As «fábulas» de Pedro Bom e Carlos Montanha que, com as peças de C.-H. Frêches e David Mourão-Ferreira, completavam o programa deste espectáculo, eram, respectivamente, *A Menina e a Maçã* e *A Fábula do Ovo*.

Um espectáculo deste «género» veio a ser organizado, cinco anos mais tarde, pelo Grupo de Teatro Experimental: *Variações*, de Pedro Bom. Jorge de Sena referiu-se-lhe na *Seara Nova*, Ano XXX, n.º 1252/53, de 3, 10, 17, 24 e 31/5/52, nos seguintes termos: «Não foi a *Seara* convidada a assistir

a este espectáculo, que se realizou no Clube Estefânia. Acontece, porém, que a minha crítica a este género de teatro e autorias já está feita. Como adiante se transcreve: «[...] Há que provocar o esclarecimento [...]; vaidades feridas e outras petulâncias só confirmarão o estado actual que acabo de denunciar».

O futuro não me desmentiu, porque isto foi publicado no n.º 1091, de 26 de Junho de 1948, da *Seara Nova*.» [M. de S.]

O 2.º espectáculo do «Pátio das Comédias»

Seara Nova, Ano XXVI, n.º 1092, de 11/9/1948

Fundado em 1948, o Pátio das Comédias, denominação depois acrescentada para Os Companheiros do Pátio das Comédias, a que Jorge de Sena esteve ligado (e, com ele, José-Augusto França, António Pedro, Costa Ferreira, entre outros intelectuais), havia apresentado, no seu espectáculo inaugural, o prólogo de Costa Ferreira *Nocturno* e a comédia de Gogol *O Casamento*, em que se revelou uma grande actriz, prematuramente desaparecida, Sara Vale.

A *Continuação da Comédia*, de J. P. Andrade, neste espectáculo pela primeira vez representada, havia sido escrita em 1931 e publicada em 1939, no penúltimo número da *presença*, acompanhada por uma nota de José Régio.

«Outono em Flor», de Júlio Dantas

Teatro Nacional

Seara Nova, Ano XXVIII, n.º 1101, de 5/2/1949

Sobre a alusão final às «chagas incuráveis do defunto Fr. António», veja-se neste volume a nota à crítica da peça de Roger Ferdinand *Rapazes de Hoje*.

«Um Chapéu de Palha de Itália», de Labiche e Michel

Teatro Apolo

Seara Nova, Ano XXVIII, n.º 1140-41, de 12, 19/11/1949

A farsa «quase centenária» de Labiche e Marc-Michel, um dos mais assíduos colaboradores daquele (juntos escreveram 48 peças) foi estreada no Teatro do Palais-Royal em 14 de Agosto de 1851; a encenação de António Pedro assinalou a profissionalização dos Companheiros do Pátio das Comédias, que apresentariam ainda um segundo espectáculo, também no Teatro Apolo, com a tragédia de Alfieri *Filipe II* e a farsa de Feydeau *A Sogra de Luís XIV* (*Feu la Mère de Madame*, no original); esse espectáculo, após o

qual o agrupamento se dissolveria, foi criticado no mesmo número da *Seara Nova* por João Pedro de Andrade.

O Preço da Honestidade e *A Luz do Gás*, citadas no começo deste artigo, são os títulos de duas peças, aquela de Cristiano Lima e esta do britânico Patrick Hamilton, que na precedente época de Verão e a abrir a de Inverno, respectivamente, se representaram nos Teatros do Ginásio e da Trindade, para onde a companhia do Nacional havia emigrado durante as obras de reparação da casa-mãe. *A Escola de Maridos*, de Molière, a que se alude no final do artigo, havia sido o espectáculo anterior dos Companheiros, o último portanto da sua fase amadora, encenado já por António Pedro e apresentado por Jorge de Sena no Instituto Superior Técnico (veja-se neste volume o texto dessa apresentação).

«Curva Perigosa», de J. B. Priestley

Estrela Hall

PORTUGALE, 2.ª série, n.º 25/27, Janeiro/Junho de 1950

Após as representações do Estrela Hall, a peça de Priestley passou ao palco do Teatro Nacional, onde se estreou a 8 de Abril.

Priestley (1894-1984), a cujo romance *Low Notes on a High Level* Jorge de Sena se refere num artigo incluído neste volume pelas referências que contém à sua obra dramática, conheceu entre nós um outro grande êxito de público com a peça *Está Lá Fora um Inspector*, representada no Teatro Avenida em 1951; menos bem sucedida foi a carreira de *Já Aqui Estive*, montada pelo Teatro d'Arte de Lisboa em 1956.

«Knock», de Jules Romains

Companhia Francesa de Louis Jouvet

Seara Nova, Ano XXVIII, n.º 1170-71, de 10-17/6/1950

A representação «em outras eras heróicas do teatro em Portugal» desta farsa que Jouvet estreou no «Studio des Champs-Élysées» em 1923, é a do Teatro Novo de António Ferro, que em 1925 ocorreu no Tivoli, em tradução de Fernanda de Castro, encenada e interpretada por Joaquim de Oliveira, com cenários «modernistas» de Leitão de Barros.

«Sua Amante Esposa», de Jacinto Benavente

Teatro Avenida

Seara Nova, Ano XXX, n.º 1248-49, de 1 a 29/3/1952

A tradução portuguesa, verberada nesta crítica, era de Ascensão Barbosa

e Nelson de Barros. A mesma peça, uma das últimas de Benavente, que morreria aos 88 anos em 1954, seria pouco tempo depois representada no Teatro do Ginásio, em versão original, pela companhia de que era primeira actriz Irene Lopez Heredia.

«Rosas de Otoño», de Jacinto Benavente,

e «A Verdade de Cada Qual», de Pirandello

Companhia de Irene Lopez Heredia

Teatro do Ginásio

Seara Nova, Ano XXX, n.º 1250-51, de 5 a 26/4/1952

A «parábola» de Pirandello, no original *Così è (se vi pare)*, estreada em Milão em 1917, foi a primeira peça do grande dramaturgo siciliano a representar-se, traduzida, em Portugal, constituindo o segundo (e derradeiro) espectáculo do Teatro Novo, em 1925, com o título *Uma Verdade para Cada Um*. Voltaria à cena portuguesa em 1958, agora designada por *Para Cada Um Sua Verdade*, no Teatro Nacional, e Jorge de Sena criticá-la-ia então na *Gazeta Musical e de Todas as Artes*, em artigo que adiante se lerá.

«A Voz da Cidade», de Ramada Curto

Teatro Nacional

Seara Nova, Ano XXX, n.º 1252-53, de 3 a 31/5/1952

Foi este artigo que determinou o afastamento de Jorge de Sena do exercício da crítica teatral na *Seara Nova*; com efeito, o número seguinte da *Seara* (1954, de 7 de Junho) incluía um texto do seu director (Câmara Reis) que, desautorizando-o, o impeliu «por imposição da sua dignidade», como diria na crítica a *Um Dia de Vida*, de Costa Ferreira, adiante reproduzida, a esse afastamento. Esse texto era do seguinte teor: «No último número da *Seara Nova* foi publicada uma crítica com referências desprimorosas para o nosso prezado amigo e correligionário Dr. Ramada Curto, acerca da sua última peça, *A Voz da Cidade*. O director da revista não teve conhecimento desse original, lamenta tal publicação e exprime ao seu velho e querido Amigo, com a maior sinceridade, a sua muita estima e consideração, tanto pela sua vida particular como pública, homem da maior lealdade e nobreza, político que em meio século de actividade sempre serviu e prestigiou a democracia, advogado e orador distintíssimo, escritor que, na crónica, na novela e, sobretudo, no teatro realizou uma obra reveladora das mais raras qualidades de observação e crítica».

Grande Teatro em Portugal — «Joana d'Arc», de Anouilh
Suplemento *Artes e Letras, Diário de Notícias*, 1/12/1955

Pretexto para este artigo foi a representação, no Teatro Avenida, de *L'Alouette*, de Jean Anouilh (*A Cotovia*, na tradução de Redondo Júnior). A «peça já clássica» e a «peça de um novo autor» que, com a de Anouilh, estavam então simultaneamente em cena eram *Tá-Mar*, de Alfredo Cortez, no Teatro Nacional, e *Quando a Verdade Mente*, de Costa Ferreira, no Teatro da Trindade.

«Alguém Terá de Morrer», de Luiz Francisco Rebello
Teatro Nacional
Vértice, vol. XVII, n.º 160-11, Janeiro/Fevereiro de 1957

Esta peça foi incluída no I volume de Teatro do autor, recenseado por Jorge de Sena na *Gazeta Musical e de Todas as Artes* de Maio de 1959.

Seria esta a única crítica de teatro que Jorge de Sena redigiu para a *Vértice*.

«Noite de Reis», de Francisco Lage e Francisco Ribeiro
Teatro da Trindade
Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano VIII, 2.ª série, n.º 82, Lisboa, Janeiro de 1958

Este artigo marca o recomeço da actividade crítica regular de Jorge de Sena, interrompida abruptamente em Maio de 1952 após o incidente da *Seara Nova* a que na antepenúltima nota se fez referência.

À mesma comédia de Shakespeare se reporta a crítica, igualmente reproduzida neste volume, relativa à sua representação, em 1959, pela «Oxford Playhouse Company».

«As Bruxas de Salem», de Arthur Miller
Teatro Nacional D. Maria II
Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano VIII, 2.ª série, n.º 82, Lisboa, Janeiro de 1958

«Um Dia de Vida», de Costa Ferreira
Teatro da Trindade

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano VIII, 2.ª série, n.º 84, Lisboa, Março de 1958

O texto da crítica a *Trapo de Luxo*, estreada no Teatro Nacional em 1952, e que deveria ter-se publicado na «*Seara Nova*» após a de *A Voz da Cidade*, de Ramada Curto, se não houvesse ocorrido o incidente a que em nota anterior se fez referência, não foi encontrado entre os papéis de Jorge de Sena (em carta dirigida ao autor destas notas, Mécia de Sena recorda que «nesses tempos heróicos entregava-se o escrito ainda quentinho, e portanto é possível que o original por lá ficasse»).

As «sete peças (de Costa Ferreira) representadas em sete anos escassos» foram: *Por Um Fio* (1951), o citado *Trapo de Luxo* e *O Milagre da Rua* (1952), *Quando a Verdade Mente* (1955), *Atrás da Porta* (1956), *Comédia das Verdades e das Mentiras* (1956, em colaboração com Francisco Ribeiro) e este *Dia de Vida*, que Augusto Fraga adaptou ao cinema em 1962.

«Deus lhe Pague», de Joracy Camargo
Teatro Variedades

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano VIII, 2.ª série, n.º 84, Lx., Março de 1958

A primeira representação desta aplaudidíssima e, sem dúvida, super-valorizada peça do comediógrafo brasileiro Joracy Camargo (1898-1972) em Portugal deu-se em 8 de Março de 1935, no Teatro do Ginásio (a estreia absoluta fora, em São Paulo, no ano de 1932), encabeçando Procópio, seu criador, um elenco de artistas portugueses. Eduardo Scarlatti dedicou-lhe, então, uma extensa crítica em *O Diabo*, recolhida mais tarde no 1.º volume dos seus escritos sobre teatro (*Em Casa de «O Diabo»*, 1.ª ed., 1936, pp. 259 a 274), na qual, por uma vez, o seu apurado e exigente sentido crítico se deixou iludir pelo que supôs ser a «inspiração marxista» da obra, não obstante haver advertido as suas principais limitações.

«Para Cada Um Sua Verdade», de Pirandello
Teatro Nacional D. Maria II

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano VIII, 2.ª série, n.º 84, Lisboa, Março de 1958

Veja-se a anotação à crítica da representação desta peça pela companhia espanhola de Irene Lopez Heredia (p. 403).

«O Rei Veado», de Carlo Gozzi
Teatro do Gerifalto, no Monumental

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano VIII, 2.^a série, n.º 85, Lisboa,
Abril de 1958

A representação desta fábula no Estúdio do Salitre, cujo 10.º espectáculo constituiu, teve lugar nos dias 22 a 26 de Abril de 1949, sob a direcção de Gino Savjotti e «com cenas improvisadas pelos actores», numa tentativa de ressuscitar o espírito e o estilo da «commedia dell'arte», de que Gozzi foi, como lembra Jorge de Sena, «o último abencerragem». A título de curiosidade, refira-se que, desse espectáculo «essencialista», foram intérpretes, entre outros, David Mourão-Ferreira, Couto Viana, Artur Ramos, Ricardo Alberty e um estreante, Rogério Lopes Ferreira, que viria a profissionalizar-se com o nome de Rogério Paulo...; e registe-se que o actor Luis Horta personificou, em 1958 como em 1949, o ministro Tartalha.

«Comediantes», de Guy Bolton
Teatro Nacional D. Maria II

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano VIII, 2.^a série, n.º 85, Lisboa,
Abril de 1958

«Piccoli di Podrecca»
Coliseu

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano VIII, 2.^a série, n.º 85, Lisboa,
Abril de 1958

Os fantoches do italiano Vittorio Podrecca apresentaram-se em Lisboa, pela primeira vez, em 1935, também então no Coliseu dos Recreios (leia-se a crítica que Eduardo Scarlatti sobre eles escreveu em *O Diabo*, reproduzida no 2.º volume da respectiva colectânea, de pp. 117 a 124).

«Monsieur de Pourceaugnac», de Molière
Liceu Francês Charles Lepierre

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano VIII, 2.^a série, n.º 86, Lisboa,
Maio de 1958

«É Urgente o Amor», de Luiz Francisco Rebello
Teatro Experimental do Porto

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano VIII, 2.^a série, n.º 86, Lisboa,
Maio de 1958

A peça havia-se estreado no Teatro de S. João, do Porto, em 25 de Fevereiro do mesmo ano de 1958.

«Jornada para a Noite», de Eugene O'Neill
Teatro Experimental do Porto

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano VIII, 2.^a série, n.º 86, Lisboa,
Maio de 1958

O texto de Jorge de Sena publicado no *Jornal de Notícias* do Porto, a que se alude nesta crítica, intitula-se «O Testamento de Eugene O'Neill», saiu em 12 de Janeiro de 1958, coincidindo com a sua estreia naquela cidade, a 3 desse mês, e pode ler-se mais adiante, neste volume.

Nota (M. de S.) — O prefácio a que aqui se alude não foi escrito nunca porque, com grande desgosto do tradutor, não conseguiu editar esta obra em sua vida.

«Dois Reis e Um Sono», de Natália Correia e Manuel de Lima
Teatro do Gerifalto, no Monumental

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano VIII, 2.^a série, n.º 86, Lisboa,
Maio de 1958

«Um Serão nas Laranjeiras», de Júlio Dantas
Teatro da Trindade

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano VIII, 2.^a série, n.º 86, Lisboa,
Maio de 1958

Não deixa de ser curioso aproximar esta crítica de Jorge de Sena da que, aquando da estreia, em Dezembro de 1903, no Teatro Nacional, deste «desconchavo erótico», como aí lhe chamou, Joaquim Madureira publicou em *O Mundo* e recolheu nas suas *Impressões de Teatro* (1905, pp. 206-229).

A «peça de cordel que tem sido apresentada pelas feiras de província» anunciada para seguir-se às representações do *Serão*, não era outra senão... o *Rei Lear*, de Shakespeare, que em «post-scriptum» Jorge de Sena informava ter sido retirado de ensaios, e que, na versão de F. Laje e F. Ribeiro, havia integrado, em época anterior, o repertório do «Teatro do Povo» do SNI.

«Veneno de Cobra»

Teatro Maria Vitória

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano VIII, 2.^a série, n.º 87, Lisboa, Junho de 1958

A esta comédia de Albert Husson (1912-1978), que Manuel Fragoso traduziu, foi dado, entre nós, o título com que se exibiu o filme dela extraído, cujo protagonista esteve a cargo de Humphrey Bogart.

«O Dia Seguinte», de Luiz Francisco Rebello

Grupo de Teatro Popular

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano VIII, 2.^a série, n.º 89-90, Lisboa, Agosto/Setembro de 1958

O título geral deste artigo era: «Uma estreia importante, outra catastrófica, um livro sobre teatro e uma peça em livro». A arrumação do material reunido neste volume levou-nos a separar as duas primeiras partes das outras duas, alterando consequentemente aquele título e relegando estas últimas para a secção relativa à crítica de livros.

A representação de *O Dia Seguinte* no Teatro Nacional, anunciada para 19 de Abril de 1952, veio a ser proibida no dia anterior, e só daí por seis anos foi a peça autorizada para grupos de teatro amador. A sua estreia por companhias profissionais dar-se-ia em 1963, a 15 de Fevereiro no Teatro Nacional e a 2 de Maio pelo Teatro Moderno de Lisboa. Entretanto, haviam subido à cena as versões francesa (Paris, 1953), espanhola (Valencia, 1953 e Madrid, 1956) e flamenga (Gand, 1956).

«Farsa de Inês Pereira, de Gil Vicente

e «O Fidalgo Aprendiz», de D. Francisco Manuel de Melo

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano VIII, 2.^a série, n.º 89-90, Lisboa, Agosto/Setembro de 1958

«A Rainha do Ferro Velho», de Garson Kanin e Ruth Gordon

Teatro Monumental

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.^a série, n.º 91-92, Lisboa, Outubro/Novembro de 1958

«O Mentiroso», de Goldoni

Teatro Avenida

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.^a série, n.º 93, Lisboa, Dezembro de 1958

«Diário de Anne Frank», de J. Goodrich e A. Hackett

Teatro da Trindade

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.^a série, n.º 93, Lisboa, Dezembro de 1958

Teatro do Gerifalto, no Teatro Monumental

«Auto das Três Costureiras», de A. M. Couto Viana

«De Cima Desses Telhados», de A. M. Couto Viana e Eduardo Rios

«O Nosso Amigo Sol», de Lília da Fonseca

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.^a série, n.º 93, Lisboa, Dezembro de 1958

A «assistência artística» que nos «foi pedida», a Jorge de Sena e a mim, nunca chegaria contudo a concretizar-se.

«Azazel», de José-Augusto França

Teatro Nacional D. Maria II

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.^a série, n.º 94, Lisboa, Janeiro de 1959

«O Gebo e a Sombra», de Raul Brandão

Teatro Avenida

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.^a série, n.º 94, Lisboa, Janeiro de 1959

Desde a sua estreia, em 27 de Março de 1927, no Teatro Nacional, encenado por Araújo Pereira e interpretado por Alves da Cunha no protagonista, que o drama de Raul Brandão se não representava nos palcos portugueses, tendo estado proibido pela censura durante cerca de trinta anos.

«Volpone», de Ben Jonson

Teatro Experimental do Porto

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.^a série, n.º 94, Lisboa, Janeiro de 1959

A adaptação de Jules Romain, a que neste artigo se alude, encenada por Charles Dullin e estreada, com enorme êxito, em 1928 no Teatro do Atelier, de Paris, baseava-se, por sua vez, numa versão do romancista Stefan Zweig, de 1926.

«O Dia Seguinte», de Luiz Francisco Rebello

Sociedade Guilherme Cossoul

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.^a série, n.º 95, Lisboa, Fevereiro de 1959

«O Processo de Jesus», de Diego Fabbri

Teatro Nacional D. Maria II

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.^a série, n.º 95, Lisboa, Fevereiro de 1959

«Gigi», de Colette-Anita Loos

Teatro Monumental

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.^a série, n.º 95, Lisboa, Fevereiro de 1959

«Um Homem Só», de Costa Ferreira

Teatro da Trindade

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.^a série, n.º 95, Lisboa, Fevereiro de 1959

A «comédia romântica apresentada no Teatro Avenida era *O Fim do Caminho*, do dramaturgo irlandês Allan Langdon Martin (*Smiling Through* na versão original), várias vezes adaptada ao cinema para alarde do virtuosismo emocional de atrizes como Norma Talmadge (em 1922), Norma Shearer (em 1932) e Jeanette MacDonald (em 1941).

«Requiem», de William Faulkner, pelo T. E. P.

Teatro Monumental

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.^a série, n.º 96, Lisboa, Março de 1959

Para o programa do T. E. P., aquando da estreia do espectáculo no Porto em 12 de Dezembro de 1958, escreveu Jorge de Sena a seguinte nota:

«*Requiem for a Nun*, romance escrito em forma teatral e uma das mais recentes obras de William Faulkner, ocupa, na vasta e complexa «saga» do condado imaginário de Yoknapatawpha, onde radicam os seus contos e romances e que é símbolo do Sul trágico e contraditório como do mundo humano, um lugar especialíssimo. A expiação de Temple Drake, a heroína de *Santuário*, é a sua matéria. Mas a tessitura dramática não é senão a explosão da essência trágica implícita em toda a obra do Prémio Nobel de 1950. Nun-

ca, depois de Eugene O'Neill, a literatura e a cena americana haviam produzido uma tal autenticidade teatral, haviam sofrido um tão impetuoso desbordamento da própria natureza cénica da vida sobre a arte. Nem haviam assistido a uma tragédia tão profunda e tão complexa como este *Requiem*, que impôs ao próprio autor a sua intensidade dramática e a sua vibração humana.

«Os Pássaros de Asas Cortadas», de Luiz Francisco Rebello

Teatro da Trindade

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.^a série, n.º 96, Lisboa, Março de 1959

Teatro do Gerifalto

«O Arco do Triunfo», A. M. Couto Viana

«Também os Bonecos Falam», de M. Adelaide Couto Viana

«O Relógio Mágico», de Fernando de Paços

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.^a série, n.º 97, Lisboa, Abril de 1959

«Bajazet», de Racine

Liceu Francês Charles Lepierre

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.^a série, n.º 97, Lisboa, Abril de 1959

«Seis Personagens em Busca de Autor», de Pirandello

Teatro Avenida

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.^a série, n.º 98, Lisboa, Maio de 1959

A primeira apresentação da genial «commedia da fare» em Portugal teve lugar, em 1923, no Teatro Politeama, por uma companhia italiana, dirigida pelo autor e empresário Dario Niccodemi e encabeçada pela actriz Vera Vergani. Foi a censura, instituída após o golpe militar de 28 de Maio de 1926, que, por alegadas razões de moralidade, fez retardar 36 anos a sua representação em língua portuguesa.

«O Feiticeiro do Oz», de Eduardo Damas

Teatro do Gerifalto

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.^a série, n.º 98, Lisboa, Maio de 1959

«À Espera de Godot», de Samuel Beckett

Teatro da Trindade

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.ª série, n.º 98, Lisboa, Maio de 1959

O artigo do *Diário Popular*, a que se alude no início deste artigo, «Duas peças inglesas recentes e mais uma», já incluída em *Sobre o Romance* (1986, pp. 153-156), figura também neste volume. A estreia desta peça de Beckett, a primeira do autor a subir à cena entre nós, constituiu ao mesmo tempo um imenso escândalo e um não menor êxito artístico.

«Ecole de Maris», de Molière

«Jeu de l'Amour et du Hasard», de Marivaux

Comédie Française

Cinema Tivoli

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.ª série, n.º 98, Lisboa, Maio de 1959

«Intriga de Amor», de Schiller, e «Saías», de Alfredo Cortez

Teatro Nacional

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.ª série, n.º 99, Lisboa, Junho de 1959

A *Ascensão de Joaninha*, de G. Hauptmann, e *A Hospedeira*, de Goldoni, encenadas por E. Meyenbourg, subiram à cena no Teatro Nacional, em respectivamente 1944 e 1947. A *Maria Stuart*, de Schiller, que em 1938, traduzida por Alfredo Cortez, havia sido representada no Teatro Nacional, foi apresentada em 1969 pelo Teatro Experimental de Cascais, na citada tradução de Manuel Bandeira.

Saías não chegou a ser «exportada», como havia sido, em 1955, *Tá-Mar*, apresentada na mesma temporada do Teatro das Nações que assistiu à revelação do «Berliner Ensemble» e da dramaturgia brechtiana.

«Fachada», de Laura Chaves

Teatro Avenida

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.ª série, n.º 99, Lisboa, Junho de 1959

«Eles, Elas... e os Meninos», de André Roussin

Teatro Monumental

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.ª série, n.º 99, Lisboa, Junho de 1959

Ionesco e Luís de Lima

Teatro da Trindade

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.ª série, n.º 99, Lisboa, Junho de 1959

«Twelfth Night», de Shakespeare

Oxford Playhouse Company

Feira das Indústrias Britânicas

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.ª série, n.º 100-101, Lisboa, Julho/Agosto de 1959

«O Baile», de Edgar Neville

Teatro Monumental

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.ª série, n.º 102, Lisboa, Setembro de 1959

CRÍTICAS A LIVROS

«Três Peças em Um Acto», de José Régio

«Três Peças em um Acto» — Artigo publicado em *Gazeta Musical e de Todas as Artes*, Ano VIII, 2.ª série, Fev. de 1959, n.º 83, no tempo em que, dirigida a revista por Maria Vitória Quintas, e secretariada por João José Cochofel, fiz para ela alguma crítica de teatro (ou de livros de teatro) e de ópera. — Nota de Jorge de Sena a esta recensão crítica que figura, a pp. 119-122, no volume *Régio, Casais, a «presença» e outros afins*, editado pela Brasília em 1977.

Nenhuma das «três peças» foi representada em teatros profissionais, e sim por grupos de amadores ou universitários, devendo registar-se, entre os últimos, o TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, a que Sena especialmente se refere no artigo, adiante publicado, «Sobre Teatro Universitário»), que em 1958 apresentou, no Teatro Avenida, daquela cidade, o «episódio tragicómico» *Mário ou Eu Próprio — o Outro*. Quanto às duas outras, de *As Três Máscaras* extraiu Maria de Lourdes Martins uma ópera, que foi cantada pela primeira vez no Teatro de S. Carlos em 1986, e

de *O Meu Caso* Manuel de Oliveira um filme, estreado no Festival de Veneza desse mesmo ano.

«Teatro», de Bernardo Santareno

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano VIII, 2.^a série, n.º 83, Lisboa, Fevereiro de 1958

Das três peças que constituem este primeiro volume do teatro de Bernardo Santareno (1920-1980), só a primeira, *A Promessa*, subiu à cena, no mesmo ano em que o livro se publicou e foi recebida com o alvoroço de que a nota crítica de Jorge de Sena dá notícia, encenada por António Pedro no Teatro Experimental do Porto. Mas uma violenta campanha desencadeada pelos meios católicos mais conservadores da capital nortenha conseguiu levar à proibição das representações, ao fim de dez dias de triunfal acolhimento; e só dez anos depois viria essa estúpida proibição a ser-lhe levantada.

Quanto à *Excomungada*, o autor mais tarde suprimiu o 2.º e 3.º actos, reduzindo-a ao 1.º (que, muito justamente, Jorge de Sena destacou) e publicando-a sob o título de *Irmã Natividade*, em 1961.

«Mar», de Miguel Torga

Miguel Torga: «Mar» — Artigo publicado em *Gazeta Musical e de Todas as Artes*, Ano VIII, 2.^a série, Lisboa, Julho de 1958, n.º 88. Já no prefácio ficou dito quanto lamento não ter tido nunca a oportunidade de escrever sobre Torga como desejaria ter feito, e só por esta razão esta breve crítica se colige aqui. — Nota de Jorge de Sena in *Régio, Casais, a «presença» e outros afins*, Porto, 1977.

A versão refundida deste poema dramático, recenseada neste artigo, foi levada à cena pelo Teatro Experimental do Porto, numa encenação de António Pedro, em Abril de 1958, e, mais tarde, pelo Teatro Experimental de Cascais, numa encenação de Carlos Avilez, em 1966.

«O Inseparável», de Agustina Bessa Luís

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.^a série, n.º 102, Lisboa, Setembro de 1958

Só em 1969 a peça viria a ser representada pela Companhia de Teatro Popular dirigida pelo actor Augusto de Figueiredo, na Estufa Fria.

«Encontro com o Teatro», de Redondo Júnior

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano VII, 2.^a série, n.º 89-90, Lisboa, Agosto-Setembro de 1958

«A Traição Inverosímil», de Domingos Monteiro

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.^a série, n.º 96, Lisboa, Março de 1959

A peça foi levada à cena em 1964 no Teatro da Trindade, pela «Companhia Nacional de Teatro» dirigida por Couto Viana, e adaptada ao cinema por Augusto Fraga em 1971.

«Teatro Anatómico», de Mário Sacramento

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.^a série, n.º 98, Lisboa, Maio de 1959

«As Duas Faces», de Alexandre Cabral

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.^a série, n.º 98, Lisboa, Maio de 1959

«Teatro I», de Luiz Francisco Rebello

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.^a série, n.º 98, Lisboa, Maio de 1959

O anunciado 2.º volume, que incluiu as peças *É Urgente o Amor*, *O Fim na Última Página* e *Os Pássaros de Asas Cortadas*, de que Jorge de Sena criticou a primeira e a última na *Gazeta Musical*, saiu nesse mesmo ano de 1959.

«Três Setas Apontadas ao Futuro», de Afonso Ribeiro

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano IX, 2.^a série, n.º 100-101, Lisboa, Julho-Agosto de 1959

«Escola de Maridos» — Apresentação

Em 9 de Junho de 1949 os Companheiros do Pátio das Comédias, cujo anterior espectáculo (o 2.º) Jorge de Sena havia criticado na *Seara Nova* de 11 de Setembro de 1948, representaram no Instituto Superior Técnico, sob a direcção de António Pedro, a *Escola de Maridos*, de Molière. Para essa representação escreveu Jorge de Sena um texto, que leu, e que, dois dias depois, voltou a ler no Clube Fenianos Portuenses, onde os Companheiros a repetiram, adaptado à nova circunstância. É esta versão portuense do comentário lido em Lisboa pela primeira vez que aqui se publica.

A peça de Costa Ferreira que «uma revista do Porto (a *PORTUGALE*) já publicou», era o *Nocturno* («apenas um prólogo») com que, em 1948, se iniciou o espectáculo inaugural do Pátio das Comédias.

«Sobre Teatro Universitário»

Seara Nova, Ano XXVIII, n.º 1166-67, Lisboa, 13-20/5/1950

O TEUC, neste artigo especialmente referido, iniciou em 1938, a 27 de Julho, a sua actividade com um espectáculo vicentino, sob a direcção de Paulo Quintela. Limitando inicialmente o seu repertório aos grandes textos clássicos — Gil Vicente, Camões, Calderón — a partir de 1947 fê-los alternar com obras de autores contemporâneos, os primeiros dos quais foram, nesse ano, Miguel Torga (*Terra Firme*) e Raul Brandão (*O Rei Imaginário*), a que se seguiram Régio (*Mário ou Eu Próprio — o Outro*) e Lorca (*O Pequeno Retábulo de Don Cristóbal, A Sapateira Prodigiosa*). No ano em que Jorge de Sena escreveu este artigo, o TEUC efectuou a sua primeira digressão ao estrangeiro, apresentando-se com a trilogia das *Barcas* em Mogúncia, no quadro da I Delfiada. Foi também com um espectáculo vicentino, constituído pelo *Auto da Alma* e a *Farsa de Inês Pereira*, que em 1952 o TEUC participou na II Delfiada, nesse ano realizada em Friburgo. Por iniciativa do TEUC, a VIII Delfiada realizou-se em Coimbra, sendo a *Antígona*, de Sófocles, a peça com que nela interveio.

Resposta a um Inquérito

O semanário *Cartaz* publicou, em 15 de Julho de 1952, uma entrevista com o actor Assis Pacheco, em que este acusava «os chamados intelectuais» de «não terem coragem de dizer que não gostam de teatro, e então afirmam que nunca vão ao teatro porque só lhes damos peças inferiores, e quando re-

presentamos peças de alto nível, que não vale a pena lá ir, porque todos nós representamos muito mal». Para comentar este juízo, o *Cartaz* organizou um inquérito, orientado por Goulart Nogueira, ao qual responderam, além de Jorge de Sena, Almada-Negreiros, Cesariny de Vasconcelos, Manuel da Fonseca, Raul de Carvalho, Adolfo Casais Monteiro, Fernando Lopes-Graça e Fernando Namora. — *Cartaz*, Ano I, n.º 27, 5 de Agosto de 1952.

Sobre a Crise do Teatro em Portugal

Posteriormente incluído no 2.º volume da antologia *Estrada Larga* (Porto s/d — mas 1960), pp. 464-466, fora publicado em *O Comércio do Porto*, de 8/11/1955.

Sobre teatro quanto possível em Portugal

Publicado em *O Comércio do Porto*, de 12/6/1957

Os que desconhecem o sentido da palavra «ironia», o modo como sempre, em todos os seus escritos, Jorge de Sena a maneja, ter-se-ão escandalizado com a aparente defesa da censura ao teatro que neste artigo supuseram ver. Mas não há dúvida de que para os zelosos funcionários das diversas comissões de censura e outras polícias do espírito em que o Estado Novo foi pródigo, o teatro era, de facto, «perigoso» e com ele era preciso «muito cuidado», como, textualmente, se declara num telex enviado aos jornais em 1970 que César Príncipe reproduziu no seu livro *Os Segredos da Censura*, 1979, p. 58.

Comentários vários

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano VIII, 2.ª série, n.º 87, Lisboa, Junho de 1958

A morte de um actor (Vasco Santana)

Gazeta Musical e de Todas as Artes, Ano VIII, 2.ª série, n.º 88, Lisboa, Julho de 1958

Teatro Experimental do Porto

Colóquio, n.º 3, Lisboa, Maio de 1959

Inicialmente publicado no suplemento literário do *Diário de Notícias*, em 10 de Junho de 1965, com o título «A Propósito de O Judeu», e depois no de *O Estado de São Paulo* em 3 de Julho do mesmo ano, este artigo veio a ser recolhido em *Estudos de Literatura Portuguesa-I* (1981), onde figura de pp. 69 a 76. A comunicação de Pierre Furter, a que nele se alude, foi incluída no *Bulletin des Études Portugaises*, tomo XXV, de 1964, pp. 51 a 75.

Algumas notas sobre o Teatro de José Régio

Algumas Notas sobre o Teatro de José Régio — Este artigo apareceu, mais ou menos simultaneamente, em Portugal e no Brasil, em fins de 1970, quiçá, por dias, primeiro no Brasil, e foi escrito com intenção epicéica, e usado para corresponder a dois convites comemorando o 1.º aniversário da morte de José Régio: o de participação no *In Memoriam*, volume de vasta e preciosa colaboração que veio a sair do prelo em 22 de Dezembro daquele ano, tendo sido distribuído nos primeiros tempos do ano seguinte; e a intenção de Casais Monteiro, no Brasil, de organizar um número do Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*, dedicado quase totalmente a recordar José Régio naquele aniversário. Enquanto o *In Memoriam* foi por diante (não sei se com toda a colaboração que terá sido solicitada, e há, na lista de colaboradores, a falta de nomes essenciais que teriam escrito, e bem, sobre José Régio), o projecto brasileiro de Casais fracassou, porque dos convidados só eu e ele mesmo corresponderam, e foi o que se publicou (esplêndido o artigo de Casais) no suplemento n.º 702, de 27 de Dezembro de 1970, do supracitado jornal, ocupando uma página. — Nota de Jorge de Sena in *Régio, Casais, a «presença» e outros afins*, Porto, 1977, em que, tal como a crítica à representação de *Benilde* no Teatro Nacional, em 1947, e à edição das *Três Peças em um Acto* em 1958, este texto foi incluído.

OUTROS ESCRITOS SOBRE TEATRO

CRÍTICAS A ESPECTÁCULOS DE TEATRO

Sobre o exótico, o folclórico...
O Primeiro de Janeiro, 26/11/1957

Variações sobre um tema de Shakespeare
Diário Popular, 21/11/1957

Diário Popular, 30/1/1958

Michael Benthall, o encenador do *Hamlet* a que neste artigo se alude, veio a Portugal em 1984 para encenar o *Macbeth* no Teatro Nacional, onde estava em cena quando o fogo o destruiu.

Algum Chá e muita Simpatia

Diário Popular, 13/1/1958

Das duas peças de John Osborne citadas neste artigo, representou-se entre nós a primeira, *Look back in Anger*, traduzida com o título *O Tempo e a Ira* por José Palla e Carmo (que, na respectiva edição em livro lhe aditou um importante prefácio). A sua representação teve lugar em 1966, no Teatro Experimental do Porto, encenada por Fernando Gusmão, e dois anos depois no de Cascais, então encenada por Artur Ramos. De *Entertainer (O Animador)* apenas se publicou a tradução, na colecção «Theatrum-Mundi». A versão cinematográfica de qualquer delas, devida a Tony Richardson para ambas, pôde ser vista pelo público português, que assim terá admirado as notáveis criações que nelas tiveram, respectivamente, Richard Burton e Laurence Olivier.

A peça de Robert Anderson, *Chá e Simpatia*, não pôde representar-se em tradução portuguesa, por imposição da censura.

Só chá e simpatia

Diário Popular, 10/3/1958

Ainda chá e simpatia, a pedido de várias famílias

Diário Popular, 24/4/1958

CRÍTICA A LIVROS

Teatro de T. S. Eliot e Charles Morgan

O Comércio do Porto, 10/8/1954

As duas peças que Eliot (1888-1965) escreveu entre *Assassínio na Catedral* (1935) e *O Secretário Particular* (1953) foram *Reunião de Família* (1939) e *Cocktail Party* (1949); depois escreveria apenas mais uma, *O Velho Estadista*, em 1958. Só a primeira das cinco está traduzida em português, e notavelmente, por José Blanc de Portugal (colecção «Theatrum-Mundi», com

um excelente posfácio) e foi representada por estudantes universitários em 1986.

As duas outras peças do romancista Charles Morgan (1894-1958), desconhecidas entre nós, são *The Flashing Stream* (1938) e *The River Line* (1952).

A propósito de uma «fantasia» de J. B. Priestley
O Comércio do Porto, 28/2/1954

Veja-se a anotação à crítica de *Curva Perigosa* no Estrela Hall.

Duas Peças Inglesas Recentes e Mais Uma

Inicialmente publicado no *Diário Popular* de 15/5/58, foi este artigo recolhido no volume *Sobre o Romance* (1986, pp. 153-156). A tragicomédia de Beckett foi representada em Lisboa em 1959, um ano portanto depois deste artigo, numa encenação de Francisco Ribeiro, a que Jorge de Sena consagrou uma justamente entusiástica crítica na *Gazeta Musical* de Maio de 1959 (pp. 238 a 241 deste volume).

The Living Room, primeira peça de Graham Greene, *A Casa dos Vivos*, na tradução de Azinhal Abelho e Orlando Vitorino, que a assinaram com o pseudónimo de «Miguel Fontana», foi representada em 1955 pelo Teatro d'Arte de Lisboa, no Trindade, e aí reposta em cena seis anos depois.

TEXTOS DIVERSOS

O Teatro e a Moral

Mundo Literário, n.º 23, de 12/10/1946

Shakespeare e a crítica ou a cabeleira de Boileau

O Primeiro de Janeiro, Porto, de 4/5/1949

Retorno à Tragédia ou a farsa dos retornos

O Primeiro de Janeiro, Porto, de 4/5/1949

A trilogia de O'Neill que em 1943 se representou no Teatro Nacional sob o título de *Electra e os Fantasmas*, a *Antígona* de Anouilh que em 1946 a companhia do «Rideau de Paris» trouxe ao Teatro da Trindade na versão original, a *Electra* de Giraudoux que um ano antes os Comediantes de Lisboa

revelaram, no mesmo Teatro, a académica versão da *Antígona* que Júlio Dantas perpetrara para a estreia em teatro de Mariana Rey Monteiro, naquele mesmo ano de 1946, vieram pôr na ordem do dia a questão de um «retorno à tragédia», para acender a qual outros acontecimentos da vida teatral portuguesa, como a publicação da *Forja*, de Alves Redol, e a representação da *Casa de Bernarda Alba*, de Lorca, ambas em 1948, que não recorriam, como aquelas obras, aos mitos da tragédia grega mas se propunham recriar-lhe o espírito, vieram dar um poderoso contributo. E de tudo isso é este artigo, de 1949, o fiel reflexo. Mais significativo ainda é o facto de, neste último ano, haver Jorge de Sena começado a publicar, na revista *PORTUCALE*, a sua tragédia *O Indesejado*, que no entanto havia sido escrita entre Dezembro de 1944 e Dezembro de 1945.

Teatro Poético, Teatro em Verso...

O Primeiro de Janeiro, Porto, de 6/4/1949

Uma das secções, a segunda, do importantíssimo posfácio que Jorge de Sena aditou à sua tragédia *O Indesejado*, que começou a publicar-se em 1949, na revista portuguesa *PORTUCALE* e em edição autónoma apareceu dois anos depois, ocupa-se especificamente do tema versado neste artigo, também afluído na crítica do *Filipe II*, de Alfieri, aquando da sua apresentação no Teatro-Estúdio do Salitre, cujo 3.º espectáculo constituiu.

Shaw

Diário de Notícias, Lisboa, 2/8/1956

George Bernard Shaw (1856-1950) foi um dramaturgo cuja obra teve escassa ressonância prática entre nós. Só em 1927, quando já trinta e cinco anos haviam transcorrido desde que começara a escrever a sua grandiosa obra teatral e o principal dessa obra havia já sido produzido, é que uma peça sua foi traduzida e representada entre nós, e mesmo essa em um acto e num espectáculo excepcional: *O Homem do Destino*, que datava de 1904. Seria preciso esperar até 1945 e 1956, respectivamente, para que duas das suas peças mais importantes, *Pigmalião* e *Santa Joana*, se representassem, ambas encenadas por Francisco Ribeiro, nos Teatros da Trindade (pelos Comediantes de Lisboa) e Nacional (e é à representação desta última que Jorge de Sena se refere neste artigo), se não quisermos recordar as representações de *Pigmalião* e *Cândida* por uma companhia francesa, em 1934, no Teatro do Ginásio, de novo a primeira destas duas peças pelos «English Players» no Teatro da Trindade em 1935 e *Man and Superman* pelo «Old Vic» em 1939, no Teatro Nacional. Posteriormente ao artigo de Jorge de Sena, recordem-se as montagens de *Nunca se Pode Dizer* no Teatro da Trindade em 1962, *O Herói*

e o Soldado (*Arms and the Man*) no Teatro Experimental do Porto em 1963 e *A Carroça das Maças do Poder* no Teatro Nacional em 1984.

Bertolt Brecht

O Comércio do Porto, Porto, 25/9/1956

Este «apontamento» (como expressamente o autor o designou) foi publicado pouco mais de um mês após a morte do genial dramaturgo alemão, ocorrida em Berlim (R. D. A.) a 14 de Agosto de 1956; acompanhava-o a tradução de um dos seus mais conhecidos poemas, «Perguntas de um Operário Letrado», que pertence à 3.^a parte dos *Poemas de Svendborg* (1939). Jorge de Sena traduziu, para a edição do teatro de Brecht publicada pela Portuguesa, o texto dos «songs» de *Mãe Coragem e Ascensão e Queda da Cidade de Mahagonny* (1.^o e 2.^o volumes, 1961 e 1962), reproduzidos na antologia *Poesia do Século XX* (1978, pp. 377 a 391).

O Testamento de Eugene O'Neill

Jornal de Notícias, Porto, 12/1/1958

Texto escrito para apresentar a versão portuguesa de *Long Day's Journey Into Night*, que Jorge de Sena traduziu com o título de *Jornada para a Noite* e o Teatro Experimental do Porto levou à cena em 3 de Janeiro de 1958, encenada por António Pedro, e acerca de cuja representação se pode ler, neste volume, a pp. 191-192, a recensão crítica que Jorge de Sena fez publicar na *Gazeta Musical* de Maio desse ano.

Sobre Teatro de Vanguarda — entrevista

Trata-se de uma entrevista concedida por Jorge de Sena à Rádio-Difusora de Assis, em resposta à pergunta «o que é, na verdade, o teatro de vanguarda», e transmitida a 13 de Abril de 1960, cujo texto agora se publica pela primeira vez. Pretexto para ela foi a visita, àquela cidade brasileira, de um grupo de teatro sob a direcção do actor Paulo Autran, que incluía no seu repertório obras de Ionesco e Beckett (informação dada por Mécia de Sena).

Teatro Popular

Texto inédito. Será de 1964 e poderá estar inacabado. (M. de S.)

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- Abelho, Azinhal (pseud. Miguel Fontana) — 420
 Abranches, Aura — 162, 173, 179
 Abreu, Pepita de — 139, 289
 Afonso IV, rei de Portugal — 259
 Afonso VI, rei de Portugal — 157, 259, 323
 Aires (Ramos da Silva de Eça), Matias — 310, 313, 315
 Albee, Edward Franklin — 28
 Albergaria, Maria — 181
 Alberto, Luis — 183
 Alberty, Ricardo — 116, 220, 406
 Aleixo, António — 220
 Alfieri, Vittorio, conde — 52-6, 57, 82, 113, 144, 395, 401, 421
 Almada-Negreiros, José (Sobral) de — 41, 105, 195, 320, 321, 400, 417
 Almeida, Armando — 55
 Almeida, Beatriz — 217, 236
 Almeida, Chaves de — 116
 Almeida (José Valentim), Fialho de — 312
 Alorna, Leonor de Almeida Lorena e Lencastre, Marquesa de (Alcipe) — 57, 58, 59
 Alves, Correia — 277
 Alves, Fernanda — 212
 Alves, Laura — 205, 256
 Alves, Vasco Mendonça — 61, 394
 Amado, Camilo — 250
 Amaro, José — 102, 111
 Amis, Kingsley — 341
 Anahory, Eduardo — 139
 Anderson, Maxwell — 346
 Anderson, Robert — 341, 343, 344-6, 347-9, 419
 Anderson, Sherwood — 346
 Andrade, João Pedro de — 17, 39-42, 61, 128, 129, 130, 153, 401, 402
 Andreiev, Leonid Nikolaevich — 67
 Anouilh, Jean — 55, 164-6, 297, 303, 373, 404
 Apollinaire, Guillaume — 105
 Arden, Mary, mãe de Shakespeare — 336
 Aristófanes — 247
 Aristóteles — 25-6
 Aronson, Boris — 209
 Artaud, Antonin — 393
 Ashcroft, Peggy, Dame — 334, 339
 Auden, Wyston Hugh — 55, 354
 Autran, Paulo — 422
 Avelar, Catarina — 173, 207
 Ávila, Humberto de — 200, 220
 Avilez, Carlos — 414
 Azambuja, Maria da Graça — 179
 Azevedo, Baltazar — 111

ÍNDICE

Breve introdução — Mécia de Sena	9
Prefácio — Luiz Francisco Rebello	11
Da Necessidade do Teatro	21

Do teatro em Portugal

Crítica a Espectáculos

2.º espectáculo «essencialista» — Teatro-Estúdio do Salitre	37
«Ana Cristina», de Eugene O'Neill	43
3.º espectáculo «essencialista» — «Filipe II», de Alfieri	52
— Teatro-Estúdio do Salitre	57
«Alcipe», de Teresa Leitão de Barros	61
2.º espectáculo «essencialista» (repetição)	62
— Teatro-Estúdio do Salitre	69
«O Cadáver Vivo», de Tolstoi	74
«Vidas Privadas», de Noël Coward	80
«A Casa», de José María Péman	86
5.º espectáculo «essencialista» — Teatro-Estúdio do Salitre	89
«Rapazes de Hoje», de Roger Ferdinand	97
Sobre «Benilde ou a Virgem-Mãe», de José Régio	101
Centenário de Cervantes — «Retablo de maravillas»	103
«Rebecca», de Daphne Du Maurier	109
Cocteau no Teatro Nacional — «A Águia de Duas Cabeças»	113
«O Morgado de Fafe», de Camilo, ...	
e «A Ceia dos Cardeais», de Júlio Dantas	
«O Comissário de Polícia», de Gervásio Lobato	
6.º espectáculo «essencialista» — Teatro-Estúdio do Salitre	

«Paulina Vestida de Azul», de Joaquim Paço d'Arcos	117
Espectáculo do «Grupo Universitário de Teatro Cultural»	121
7.º espectáculo «essencialista» — Teatro-Estúdio do Salitre	123
2.º espectáculo do Pátio das Comédias	127
«Outono em Flor», de Júlio Dantas	133
«Um Chapéu de Palha de Itália», de Labiche e Michel	136
«Curva Perigosa», de J. B. Priestley	141
«Knock», de Jules Romains	
— Companhia Francesa de Louis Jouvet	149
«Sua Amante Esposa», de Jacinto Benavente	153
«Rosas de Otoño», de Benavente, ...	
e «A Verdade de Cada Qual», de Pirandello	
— Companhia de Irene Lopez Heredia	156
«A Voz da Cidade», de Ramada Curto	162
Grande Teatro em Portugal: «Joana d'Arc», de Anouilh	164
«Alguém Terá de Morrer», de Luiz Francisco Rebello	167
«Noite de Reis», de Francisco Lage e Francisco Ribeiro	169
«As Bruxas de Salem», de Arthur Miller	172
«Um Dia de Vida», de Costa Ferreira	
— Peça em 2 partes e 16 quadros	174
«Deus lhe Pague», de Joracy Camargo — Sátira em 3 actos	177
«Para Cada Um Sua Verdade», de Pirandello	178
«O Rei Veador», de Carlo Gozzi — Teatro do Gerifalto	180
«Comediantes», de Guy Bolton, ...	
sobre um conto de Somerset Maugham	182
«Piccoli di Podrecca»	184
«Monsieur de Pourceaugnac», de Molière, ...	
no Liceu Francês Charles Lepierre	186
«É Urgente o Amor», de Luiz Francisco Rebello, ...	
pelo Teatro Experimental do Porto	188
«Jornada para a Noite», de Eugene O'Neill, ...	
pelo Teatro Experimental do Porto	191
«Dois Reis e Um Sono», de Natália Correia e Manuel de Lima	
— Teatro do Gerifalto	193
«Um Serão nas Laranjeiras», de Júlio Dantas, comédia em 3 actos	194
«Veneno de Cobra», de Albert Husson	197
«O Dia Seguinte», de Luiz Francisco Rebello	198
«Farsa de Inês Pereira», de Gil Vicente, ...	
e «O Fidalgo Aprendiz», de D. Francisco Manuel de Melo, ...	
no Teatro do Gerifalto	201
«A Rainha do Ferro-Velho», de Garson Kanin e Ruth Gordon	204
«O Mentiroso», de Goldoni	206
«Diário de Anne Frank», de F. Goodrich e A. Hackett	208
«Teatro do Gerifalto» no Teatro Nacional	211
«Azazel», de José-Augusto França	213
«O Gebo e a Sombra», de Raul Brandão	216

«Volpone», de Ben Jonson	218
«O Dia Seguinte», de Luiz Francisco Rebello	
— 2.º espectáculo do Teatro de Gerifalto	220
«O Processo de Jesus», de Diego Fabbri	222
«Gigi», de Colette-Anita Loos	224
«Um Homem Só», de Costa Ferreira	225
«Requiem», de William Faulkner	226
«Os Pássaros de Asas Cortadas», de Luiz Francisco Rebello	228
Teatro do Gerifalto	230
«Bajazet», de Racine, no Liceu Francês	231
«Seis Personagens em Busca de Autor», de Pirandello	234
«O Feiticeiro de Oz», de Eduardo Damas	237
«À Espera de Godot», de Samuel Beckett	238
«École de Maris», de Molière, ...	
e «Jeu de l'Amour et du Hasard», de Marivaux, ...	
pela Comédie Française	242
«Intriga e Amor», de Schiller, e «Saías», de Alfredo Cortez	244
«Fachada», de Laura Chaves	246
«Eles, Elas... e os Meninos», de André Roussin	247
Ionesco e Luís de Lima	248
«Twelfth Night», de Shakespeare — Oxford Play House Company	251
«O Baile», de Edgar Neville	254

Críticas a Livros

«Três Peças em Um Acto», de José Régio	259
«Teatro», de Bernardo Santareno	262
«Mar», de Miguel Torga (poema dramático em três actos), ...	
2.ª edição refundida	265
«O Inseparável», de Agustina Bessa Luís — Peça em três actos	269
«Encontros com o Teatro», de Redondo Júnior	273
«A Traição Inverosímil», de Domingos Monteiro	276
«Teatro Anatómico», de Mário Sacramento	278
«As Duas Faces», de Alexandre Cabral	279
«Teatro I», de Luiz Francisco Rebello	280
«Três Setas Apontadas ao Futuro», de Afonso Ribeiro	282

Textos Diversos

«Escola de Maridos» — Apresentação	287
Sobre Teatro Universitário	291
Resposta a um Inquérito — «Os intelectuais portugueses	
contra o actor Assis Pacheco»	294
Sobre a Crise do Teatro em Portugal	296
Sobre Teatro quanto possível em Portugal	299
Comentários vários	302

A Morte de um Actor	304
Teatro Experimental do Porto	305
Sobre o «Judeu»	310
Algumas notas sobre o Teatro de José Régio	318

Outros Escritos sobre Teatro

Críticas a Espectáculos de Teatro

Sobre o exótico, o folclórico, etc.	
— A propósito do Teatro Clássico da China	331
Variações sobre um tema de Shakespeare	334
Variações shakespearianas «in loco»	337
Algum chá e muita simpatia	341
Só chá e simpatia	344
Ainda chá e simpatia — a pedido de várias famílias	347

Crítica a Livros

Teatro de T. S. Eliot e de Charles Morgan	353
A propósito de uma «fantasia» de J. B. Priestley	357
Duas peças inglesas recentes e mais uma	360

Textos Diversos

O Teatro e a Moral	367
Shakespeare e a Crítica ou a Cabeleira de Boileau	368
Retorno à Tragédia ou a Farsa dos Retornos	372
Teatro Poético, Teatro em Verso, Dicção dos Versos e Outras Confusões	375
Shaw	378
Bertolt Brecht	382
O Testamento de Eugene O'Neill	383
Sobre «Teatro de Vanguarda» — Entrevista	387
Teatro Popular	389
Notas Bibliográficas	393
Índice Onomástico	423

BIBLIOGRAFIA DE JORGE DE SENA

OBRAS EM VOLUME

POESIA:

- Perseguição* — Lisboa, 1942.
Coroa da Terra — Porto, 1946.
Pedra Filosofal — Lisboa, 1950.
As Evidências — Lisboa, 1955.
Fidelidade — Lisboa, 1958.
Post-Scriptum (in *Poesia-I*).
Poesia-I (*Perseguição, Coroa da Terra, Pedra Filosofal, As Evidências*, e o volume inédito *Post-Scriptum*) — Lisboa, 1961, 2.^a ed., 1977; 3.^a ed., 1988.
Metamorfoses, seguidas de *Quatro Sonetos a Afrodite Anadiómena* — Lisboa, 1963.
Arte de Música — Lisboa, 1968.
Peregrinatio ad Loca Infecta — Lisboa, 1969.
90 e mais Quatro Poemas de Constantino Cavafy (tradução, prefácio, comentários e notas) — Porto, 1970; 2.^a ed., Lisboa, 1986.
Poesia de Vinte e Seis Séculos: I — De Arquíloco a Calderón; II — De Bashó a Nietzsche (tradução, prefácio e notas) — Porto, 1972.
Exorcismos — Lisboa, 1972.
Trinta Anos de Poesia (antologia) — Porto, 1972; 2.^a ed., Lisboa, 1984.
Poesia-II (*Fidelidade, Metamorfoses, Arte de Música*) — Lisboa, 1978, 2.^a ed., Lisboa, 1988.
Poesia-III (*Peregrinatio ad Loca Infecta, Exorcismos, Camões Dirige-se aos Seus Contemporâneos, Conheço o Sal... e Outros Poemas, Sobre Esta Praia*) — Lisboa, 1978.
Poesia do Século XX, de Thomas Hardy a C. V. Cattaneo (prefácio, tradução e notas) — Porto, 1978.